

A CIDADE, UM GRANDE CORPO DOENTE^{1 2}

Thierry Paquot³

Thierry Paquot. La ville, un grand corps malade. In: Topophile, 14 mars 2021. Dans le miroir du passé. Disponible sur: <https://topophile.net/savoir/la-ville-un-grand-corps-malade/>. Consulté le 21 mars 2024.

 **Thierry Paquot^a**

^a Institut d'Urbanisme de Paris

Tradutores:

 Jean Legroux^b

 Cláudio Smalley Soares Pereira^c

^b Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, SP.

^c Universidade Estadual do Ceará (UECE)

DOI: 10.12957/geouerj.2024.80487

Correspondência:

th.paquot@wanadoo.fr

jean.legroux@unesp.br

claudio.smalley@uece.br

Recebido em: 06 dez. 2023

Revisado em: 07 dez. 2023

Aceito em: 16 fev. 2024

¹ Grand Corps Malade é também um artista francês de slam, letrista, poeta, originário de Saint-Denis, comuna situada ao norte de Paris. A referência ao artista e o jogo de palavras inserem-se numa reflexão atual do autor, que deu origem à publicação, em 2023, do livro *Poésie urbaine: de Baudelaire à Grand Corps Malade*. O texto é oriundo de uma conferência do autor proferida no dia 27 de janeiro no Instituto Palladio.

² O artigo foi originalmente publicado na Revista Topophile - l'ami.e des lieux, la revue des espaces heureux, disponível em: [La ville, un grand corps malade | Savoir | Topophile](https://topophile.net/savoir/la-ville-un-grand-corps-malade)

³ Filósofo, autor de mais de sessenta obras sobre a urbanização planetária, as utopias e a geohistória do pensamento ecológico. Dentre suas obras, *Désastres urbains. Les villes meurent aussi* (2019), *Mesure et démesure des villes* (2020), *Demeure terrestre. Enquête vagabonde sur l'habiter* (2020), *Pays de l'enfance* (2022), *Les Bidonvilles* (2022), *Rachel Carson ou la beauté du monde* (2023), *Poésies urbaines. De Baudelaire à Grand Corps Malade* (2023).



INTRODUÇÃO



[Artista: Moé Muramatsu⁴]

As cidades são sanas? O urbanismo visa o bem estar das populações e organiza os territórios nesse sentido? Os habitantes estão com melhor saúde na cidade que nos vilarejos? Abordar esse tema exige que este seja bem circunscrito para elaborar uma geo-história se preservando de qualquer anacronismo, pois ela expõe não somente um desenrolar cronológico contínuo, iterativo, progressivo, baseado em uma explicação *a posteriori*, mas procura apreender uma “climática” própria a um período, apontando as discontinuidades, as paradas, saltos, retornos ao passado, e hibridações que as ritmam. Nem todas as sociedades se preocupam igualmente da saúde de cada um, e assim convém mesclar diversas geo-histórias, aquela dos agrupamentos humanos, aquela da medicina, dos médicos e dos remédios, aquela das representações da doença, aquela dos cinco sentidos e do corpo etc., tentando estabelecer uma correlação entre a tipo-morfologia urbana e as patologias, a configuração da cidade e sua habitabilidade. A zoonose atual nos lembra até que ponto os humanos pertencem à natureza que eles circundam com seus desdobramentos técnicos frequentemente não considerados, ao ponto de perturbar profundamente os equilíbrios ecosistêmicos. Ela nos mostra também o que não sabemos. Enfim, ela confirma que a saúde dos humanos é solidária com a saúde da Terra e do mundo vivo. Assim, usarei a ecologia como método, no sentido greco de *hodos*, a “via”, o “caminho do conhecer”. Este entrelaça o processo (com a genealogia intranquila), a transversalidade (com a transdisciplinaridade⁵) e

⁴ Paisagista e ilustradora, a artista impulsiona um imaginário de formas aventureiras e cores viajantes aos artigos de *Topophile*, manejando alegremente os lápis, marcadores, pincéis e a técnica do pastel.

⁵ “Transdisciplinaridade”, “transdisciplinarité”, em francês. Invento esse término jogando com as palavras, “transdisciplinar”, que designa o método que atravessa as disciplinas e “transe”, que é um ritual de posse/desposse, como no candomblé ou na



a interrelacionalidade (sem hierarquia entre os elementos constitutivos de um mesmo conjunto que rizomam entre eles mais do que eles dualizam...).

Hipócrates e seus discípulos

Sabemos poucas coisas da vida de Hipócrates, nascido aproximadamente em 460 antes de Cristo e morto entre 375 e 351. Oriundo de uma linhagem de médicos - enfatizo que então não haviam estudos e diploma de medicina, é o renome que consolida na profissão -, viaja com seus dois filhos, médicos igualmente, na Grécia do Norte, como terapeuta itinerante. Seria autor de aproximadamente sessenta tratados redigidos em jônico, ao que tudo indica uma obra coletiva, que constitui o *corpus* da medicina hipocrática. Esta é baseada no questionamento do paciente, na compreensão da sua situação pessoal (sua vida familiar, sua alimentação, sua ocupação...), no estudo do seu meio geográfico e do clima que ali reina. A doença é compreendida como um desequilíbrio dos quatro humores (o sangue, o catarro, as bílis amarela e negra) que não estão mais em “boas” proporções (tanto em excesso quanto em falta), modificando as qualidades elementares (quente, frio, úmido, seco) que interferem com os quatro elementos (ar, água, terra e fogo) e as estações. Essa medicina “empírica”, “raciocinada”, não considera a doença como a manifestação do descontentamento divino, e por tanto não prescreve nenhum ritual religioso ou mágico para curá-la. Desconhece inúmeros domínios como a anatomia, a cirurgia, a imagética médica, as ciências cognitivas e sobretudo, não elabora nenhum tipo de saúde pública. Hipócrates, no seu tratado *Dos ares, da água e dos lugares*, escreve:

“As cidades expostas ao Levante são naturalmente mais saudáveis que aquelas que estão voltadas para o Norte ou para o Sul (...). Os habitantes, ali, têm uma tez melhor e mais florida; eles têm um caráter mais vivo, sentimentos e um espírito superior àqueles das pessoas expostas ao Norte (...) As doenças, ali, são menos numerosas”.

Oribásio, em seguida, constata que “os ventos, quando nada os pára, nem se fazem sentir; no entanto, não estão sem ação sobre a cidade: eles purificam o local, varrem as fumaças, as poeiras e os miasmas. No que diz respeito à Platão e Aristóteles, concordam sobre a importância do local, tanto para a alma dos habitantes quanto para o seu abastecimento e para as condições gerais de higiene. Mais tarde, o Romano Vitruvius preocupar-se-ia, também, com a escolha da localização da cidade para que seja saudável. Esse interesse pela qualidade do lugar não impediu as epidemias, em particular de peste, de dizimar, em várias ocasiões, os habitantes das cidades gregas ou do império romano... Adrien-Louis-Joseph Carré, na sua tese de medicina

macumba. Invito cada pessoa a se despossessar da sua disciplina e a abraçar uma outra antes de voltar para a sua, transformado por esse passo de lado. Não se trata de apelar para várias disciplinas como na pluridisciplinaridade ou na interdisciplinaridade, que mobiliza ao menos dois saberes. Aqui, se entra em transe ao fazer arruaça com os limites disciplinares (frequentemente factícios e acadêmicos) para pensar a complexidade do que estudamos.



sobre *A higiene e a saúde na Roma Antiga* enumera as doenças conhecidas (febres, inclusive a malária e o paludismo, a peste, o cólera, a pneumonia, a caxumba, a tuberculose...), as terapias recomendadas (o ar livre, o sol, o leite, o vinho, o opium, o mel, o enxofre, a dietética...), mas não a traços de uma política sanitária na escala de uma cidade, por exemplo. O que não impede os vereadores de estarem atentos à limpeza das ruas (pavimentação, rede de esgotos, alargamento das vias, construção de praças...), à proteção dos parques, à qualidade da água (aquedutos, fontes...), sem, no entanto, conseguir construir uma cidade sã. Léon Homo escreve, no que diz respeito à Roma:

“Mas se, para o conjunto da cidade, resultados precisos foram obtidos - apesar de que a manutenção das ruas nunca tenha parecido alcançar, na prática, o nível desejado -, a carência, no que concerne a polícia sanitária da habitação e a higiene dos seus habitantes, é quase completa: não existem medidas tomadas para remediar à acumulação exagerada da população, não há medidas tomadas para garantir aos habitantes da casa, o ar e a luz indispensáveis ao bom estado do organismo, não existe profilaxia contra as epidemias coletivas, não existe serviço medical público, nem hospitais antes do IV século após J.-C.”.

O paradigma hipocrático revisto e corrigido por Plínio, logo por Galieno, perdurará diversos séculos no Ocidente, beneficiando de complementos felizes aportados pela medicina árabe. A palavra “higiene” é certamente utilizada pela primeira vez em francês, por Ambroise Paré, no século XVI, e provém do grego *to hugieion*, “saúde”, neutro do adjetivo *hugieinos*, “saudável”. O estilo de vida saudável mantém quem respeita seus princípios, os quais variam de um período para outro. As cidades jamais puderam impedir as epidemias, no melhor dos casos, construíam lazaretos ou *maladreries*⁶ para isolar os viajantes contaminados, durante quarenta dias, como em Veneza, ou para hospedar os leprosos. Como lembra Ivan Illich em *H2O. As águas do esquecimento*, a descoberta por Harvey da dupla circulação do sangue em 1628, traduzir-se-ia, metaforicamente, pela necessidade de fazer circular a água nesse outro organismo que é a cidade. A noção de “circulação” se generaliza, a cidade não é mais considerada como o lugar do armazenamento (dos religiosos em uma cidade episcopal, de estudantes e professores em uma cidade universitária, de militares em uma guarnição, de mercadorias em um mercado, estou caricaturando um pouco etc.) mais aquele de todos os fluxos (água, depois o gás, a electricidade, pneumáticos, mercadorias, rumores, capitais, pessoas, sexualidade etc.). Como os micróbios e os vírus circulam também, é preciso canalizá-los (confinamento) e neutralizá-los (vacina), isso levará tempo...

“A descoberta de Harvey da dupla circulação do sangue em 1628 resultará, metaforicamente, na necessidade de circulação da água neste outro organismo que é a cidade.”

⁶ A palavra Maladrerie é um substantivo feminino que designa um “hospital para leprosos”, sinônimo de “léproserie”.



[Artista: Moé Muramatsu]

Cólera, tuberculose e micróbios

O cólera de 1832 matou 18.602 pessoas em Paris em seis meses e aproximadamente 100.000 na França, e assim os poderes públicos vão tentar compreender o porquê dessa epidemia e promover ações profiláticas. Foi preciso o retorno do cólera em 1849 para que as decisões fossem tomadas e a lei de saúde pública votada em 1850, relativa ao saneamento de moradias insalubres, sem realmente, no entanto, pegar o touro pelos chifres. O estabelecimento de calçadas com sarjetas, impulsionado pelo prefeito Rambuteau, permitiu a evacuação das águas que estagnaram no meio da rua, a construção laboriosa da rede *de tout-à-l-égout* no fim do século XIX, e logo a instalação de banheiros e de salas de banhos em cada apartamento - o que necessitou mais de 50 anos em Paris! - a generalização das lixeiras, tudo isso melhora indubitavelmente o estado sanitário da cidade, sem pensar a evolução das cidades no que diz respeito à saúde. Até porque a maioria dessas iniciativas estão com solução, elas são feitas aos trancos e barrancos, sem real convicção, com tomadores de decisão em desacordo e representantes médicos e científicos em guerra.

“A partir do mês de maio de 1847, Semmelweis impõe, portanto, os primeiros “gestos de barreira” na história da medicina, escreve o historiador Pierre Darmon. Proíbe aos estudantes e médicos de deixar salas de dissecação sem ter lavado as mãos com uma solução de cloro antes de ir à cabeceira das mulheres no trabalho,



de mudar de traje de um serviço para o outro, de utilizar instrumentos de dissecação para outros fins. Imediatamente, a mortalidade caiu de 12,24 % para 3,04 %. Mas depois de ter examinado uma mulher que sofre de um câncer uterino, estudantes praticaram o toque vaginal em 11 mulheres que morreram todas". Por uma simples observação da higiene, aos nossos olhos, elementar, Semmelweis preconiza regras simples que erradicam a febre puerperal, apesar de que seus colegas bloqueiam sua carreira e denigrem seus trabalhos, obrigando-o a deixar Viena para sua cidade natal de Bude, na Hungria. Ali, ele cuida escrupulosamente da limpeza dos lugares e dos trabalhadores, e assim, sobre 993 que dão à luz, apenas 8 morrem. Tal resultado não lhe abre nenhuma porta das Academias ou das Universidades, e a cegueira dos seus pares atrasa em mais de vinte anos o recuo dessa febre mortal...

O mesmo acontece para Louis Pasteur, químico, que tem dificuldade em convencer os médicos da exatidão das suas experiências feitas em laboratório. Estes continuam acreditando na "geração espontânea" e recusando a disseminação aérea dos micro-organismos patogênicos, que chamaremos de "micróbios" quando a palavra entrará no vocabulário médico, em 1878. O inglês Tyndal publica em 1970, na *Revue des cours scientifiques*, "Poeiras e doenças", onde explica que o ar é saturado de poeiras orgânicas insalubres e preconiza o uso de um "respirador de algodão" ou de uma máscara. Se indigna da falta de higiene nos hospitais onde nada é sistematicamente limpo e onde, segundo Darmon, "*a erisipela, as escaras, a gangrena, o apodrecimento no hospital e a septicemia operam destruições mais consideráveis que a própria doença*".

Joseph Lister se esforça para combater a infecção com "gestos de barreira", como sprays de ácido carbólico, isolando a ferida do ar ambiente ou mesmo mantendo instrumentos e roupas de cama em estado impecável. Mas a força dos costumes e a ignorância da hierarquia são tão poderosos que Lister, assim como Semmelweis antes dele, não é seguido, ou ainda Ernest Duchesne que, em 1897 descobre as virtudes preventivas do fungo, *Penicillium glaucum*, sem resultar em um medicamento. Alexandre Fleming, em Londres, redescobrirá os méritos desse fungo em 1928, apenas para curar feridas superficiais. Será preciso esperar por René Dubos, para que os antibióticos, em 1938, obtenham suas cartas de nobreza e principalmente evitem mortes em série...

A tuberculose golpeava duramente os bairros populares das aglomerações ocidentais. Em 1882, Robert Koch isola o bacilo e funda a bacteriologia. Contra a tuberculose, medidas de higiene se impõem: arejar as moradias, abrí-las à luz e ao sol, plantar árvores à proximidade das habitações... Demorou muito para estabelecer-se um vínculo entre certas patologias e certos animais portadores (o rato, a mosca...), e assim foi também para aceitar a ideia de que o próprio homem pode ser contaminante. A contaminação bucal não conhece limite e não escapa ao teste da numeração microbiológica: o selo postal, o ticket de tramway, as embocaduras dos instrumentos de música, a ponta de cigarro, o telefone, - que acabará de nascer -, as relíquias nas igrejas como



a pia batismal, a louça dos restaurantes, os copos nos cafés etc. Notamos que enquanto mais um lugar é povoado, mais a contaminação se ativa. A máquina de lavar louça da casa Steimetz em Colônia está à venda em 1904 e evita mergulhá-la em tanques infestados de micróbios e que seja manipulada por mãos nada limpas... Da mesma forma, em 1902, em Londres, Cecil Booth inventa o *vacuum cleaner*, um aparelho que aspira as poeiras, onde pululam micróbios. Parquets, tapetes, poltronas, cortinas, tapeçarias, serão objeto de uma limpeza regular por aspiradores cada vez mais eficazes, para a grande satisfação póstuma de Jules Vernes, quem, em *Les Cinq cents millions de la bégum* publicado em 1879 denunciava “dois autênticos ninhos de miasmas e laboratórios de veneno (...) os tapetes e os papéis de parede”!

Cidades higiênicas

Em 1875, Benjamin Ward Richardson pronunciou um discurso no congresso da *Social Science Association*, em Brighton, que se tornará um pequeno livro, *Hygeia: A City Health*. Descreve uma cidade-clínica onde tudo é concebido para tratar das poluições habituais que transmitem os micróbios... Plano geométrico para ventilar da melhor forma possível as vias de circulação, plantação de árvores ao longo dos boulevards, jardim em torno de cada edifício, asfalto no solo para aprisionar as poeiras, tramway subterrâneos, tetos-telhados verdes, lixeiras em cada cozinha para evacuar os rejeitos orgânicos em lixeiras instaladas no subsolo, materiais de construção imputrescíveis, ar “purificado e ozonizado”. Ninguém fuma, nem bebe álcool (não têm bares), as ruas são silenciosas porque as usinas estão no exterior da cidade. Cada bairro possui um hospital onde cada quarto deve ser ascético nas unidades de cuidados em “tamanho humano”, espalhadas em um jardim. Estabelecimentos que acolhem os “impotentes e os idosos” e outros “os indigentes”, com “respeito e afeto”. Os exercícios corporais são prescritos a partir da escola elementar... Essa cidade saudável, e tão controlada, não poderá eliminar todas as doenças, o doutor Richardson admite isso, mas removerá a mortalidade infantil e aumentará a esperança de vida em boa saúde. A sua cidade-clínica é parecida com uma dieta alimentar estricte que esquece o prazer gustativo, e evoca mais uma caserna que a abadia de Thelema, imaginada por outro médico, o senhor Rabelais...

Já André Godin, com seu “Familistère”, em Guise, já estava preocupado com as condições de higiene dos habitantes, e tinha instalado salas de banhos e banheiros em cada piso, e também todo um sistema de ventilação natural para o pátio central, equipado de uma cobertura de vidro. Em 1891, no entanto, um relatório denuncia “a promiscuidade dos lugares de lazer, a sua localização nas escadarias situadas nos ângulos dos edifícios (...) são causas de insalubridade evidentes”. O fabricante das famosas frigideiras deve ter se revirado na sua tumba, ele que tinha zelado pela habitabilidade do seu Familistère, dotado de uma piscina... Ebenezer Howard, com sua *garden-city* contribui, já em 1898, não somente em pensar o par “saúde-cidade”



mas também em realizar uma cidade para 30-35.000 habitantes, onde 2.000 agricultores, com pastagens, bosques, jardins, horticulturas, pomares e hortas, para uma vida cidadina no campo, de alguma forma. Nas cidades alemães, e logo francesas e da Suíça, o “jardim operário” se desenvolve ao longo da segunda metade do século XIX, doravante associado ao abade Lemire - prefeito de Hazebrouck, que votará em 1905 a separação da Igreja e do Estado - que funda a Liga Francesa do Canto da Terra e do Lar em 1896. Trata-se de favorecer uma atividade ao ar livre que afaste o operário do cabaré e complete o prato familiar. A boa saúde resulta dali... Mas aqui tampouco existe política de conjunto de saúde pública na escala urbana.

Urbanismo e cidade: quais relações?

É um médico-higienista, Robert-Henri Hazeman, militante comunista, que abre no subúrbio parisiense, em Vitry, e logo em Ivry, com o apoio representantes eleitos, um “escritório de higiene”, verdadeiro dispensário, com assistentes sociais, laboratórios de análises médicas e bacteriológicas, uma escola ao ar-livre etc., que assume o cuidado de todas as patologias e tem um papel preventivo essencial. Henri Sellier, introdutor da cidade-jardim na França, prefeito de Suresnes, co-fundador da *École des Hautes Études Urbaines [Escola de Altos Estudos Urbanos]* em 1919, que se torna o Instituto Universitário de Urbanismo de Paris em 1924, o identifica e o associa às suas ações. Assim, torna-se secretário geral do ofício público de higiene do rio Sena, professor no Instituto de Urbanismo até 1968 e membro do gabinete de Sellier, quando este será ministro da saúde no governo da Frente Popular. Quando se aposenta, não será substituído, como se o “higienismo”, termo que entra no dicionário ao longo do século XX, já estivesse ultrapassado, velho ou como se o que ele designava não acontecesse mais, graças aos tratamentos medicinais e à ideologia medical triunfante.

Dessa forma, os antibióticos, depois da segunda guerra mundial, substituem as grandes janelas de vidro, os espaços verdes, os apartamentos “*traversants*”⁷, e torna a preocupação higiênica secundária. As cidades mostram-se invencíveis, embora outros males ameacem seus habitantes sem que eles se preocupem, o tabagismo, a automobilização generalizada do planeta, o trabalho sedentário etc. Como escreve Pierre Darmon:

“Depois de cada guerra, trabalhamos na maneira de reconstruir um mundo isento de qualquer novo conflito. Depois da experiência do Covid-19, teremos que pensar no coronavírus do camelo ou no vírus de varíola que aguardam talvez a sua hora na sombra do reservatório animal. E sobretudo, temos que vislumbrar a restauração do nosso ambiente natural. É aqui que o problema da poluição industrial se junta com aquele da poluição microbiana. Não podemos lutar contra uma sem lutar contra a outra. A devastação do planeta e o desprezo da biodiversidade fazem do homem um alvo único e privilegiado.”

⁷ Trata-se de um apartamento que possui aberturas e/ou janelas nas suas duas fachadas opostas, de modo que o ar possa circular melhor.



Alvo? Mas, também, tão responsável por esses desastres anunciados...

Maximilien Sorre, autor de uma suma intitulada *Les fondements de la géographie humaine*, em três tomos publicados entre 1943 e 1942, insiste sobre a saúde, o clima, a água, o ar, a alimentação etc., mas parece isolado entre os geógrafos. Sua abordagem ecológica da geografia permanece isolada, e assim, suas observações sobre as condições de difusão das pandemias e do seu tratamento, por exemplo, são ignoradas. Henri Laborit, médico e biólogo, é solicitado pelo então jovem departamento de urbanismo da universidade experimental de Vincennes, em junho de 1968, para falar de “biologia e urbanismo”. *L’homme et la ville*, que publica em 1971, reporta o seu aprendizado de três anos. Combina sutilmente a cibernética, a biologia e a ecologia para analisar melhor a cidade, compreendida como um “nicho experimental”. Relendo esse livro recentemente, sou admirativo da acuidade dos seus comentários. Apesar de que nossos conhecimentos em biologia e em ecologia tenham se enriquecido consideravelmente e de que o universo da cibernética tenha mudado profundamente com o computador portátil e o numérico, substituindo a máquina de fazer cartas perfuradas, e com o espalhamento das “Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação”, o grosso da reflexão é coerente. A cidade, segundo ele, não é um organismo, mas “representa um dos meios utilizados por um organismo social para controlar e reproduzir a sua estrutura”. A cidade só serve para que grupos humanos que dominam o resto possam se manter nessa posição. Para explicitar essa constatação, Henri Laborit expõe o estudo biológico dos comportamentos e assim a estruturação do cérebro, aquela do sistema nervoso central com o córtex, o neocórtex e o hipotálamo, para simplificar. Explica que a urbanização provoca o *confinamento* - é a palavra que ele usa -, que garante a cada um sua alimentação sem que tenha que ir buscá-la, por exemplo caçando. Dessa forma, a sua agressividade é redirecionada em outras tensões para com outros cidadãos, o funcionamento do hipotálamo, ou do cérebro reptiliano, sede do comportamento instintivo à cargo do abastecimento, não tendo mais essa função. Não aborda a questão das patologias em um lugar denso, a cidade, mas insiste no estudo dos comportamentos humanos e dos seus condicionamentos e outros automatismos sociais. Para ele, as informações que os habitantes de uma cidade produzem ao interagir são utilizadas por aqueles que as captam e manipulam com o objetivo de manter no lugar a estrutura existente. O que ele diria dos *datas* e da *smart city* a não ser que representam o que ele temia, isto é, *Le Meilleur de mondes possibles* que leva a uma servidão voluntária para com os dados! Escreve: “qualquer informação portadora de estruturas novas não poderá, se sua força desestruturante é evidente, beneficiar dos múltiplos canais pelos quais se difundem hoje em dia as ‘novidades’”. Aponta aqui para uma outra doença, a patologia informacional aditiva... O que mais me surpreende, nessa releitura, é que explica que a combustão das fontes de energias fósseis (carvão e petróleo) aumenta a concentração de CO₂ na atmosfera, o que, futuramente “vai alterar o clima global do planeta no decorrer mesmo do século XXI” e que convém se preocupar, porque as



consequências dessas alterações climáticas sobre o meio urbano serão inéditas e críticas. Cinquenta anos depois, chegamos aqui.

Alexander Mitscherlich, médico, diretor do Instituto Sigmund Freud de Frankfurt, é solicitado pela municipalidade de Heidelberg, em 1968, para ajudá-lo a imaginar um novo bairro. É verdade que publicou *Psychanalyse et urbanisme*, em 1965, no qual se insurge sobre o empobrecimento arquitetural e urbanístico da reconstrução alemã, obnubilado pela especulação. Lamenta que o solo não seja propriedade das cidades, deixando aos habitantes a propriedade de sua moradia. Observa um recuo sobre si, de um lado, e uma massificação, do outro, que limitam a socialização de cada um(a) e aumenta sua inadaptação à vida social. Daí, notifica um estado neurótico crescente dos “urbanizados”. Lamenta que as crianças não sejam mais levadas em consideração, afastados dos traços da natureza, encerrados em moradias exíguas em frente de um cenário monótono, cujos imprevistos comunicacionais são cada vez mais raros... Constata que a forma da *cidade funcional*, os seus materiais e suas cores, expressam perfeitamente a ordem social e econômica, e se preocupa disso, porque parece que gera uma infantilização dos habitantes em um ambiente inóspito. A resenha do seu livro na revista *Combat*, no momento da sua publicação em francês em 1970 é: “O vírus urbano”, *no comment [sem comentários]...*

Da ecologia social à ecologia existencial

Murray Bookchin assina, em 1962, sob o pseudônimo de Lewis Herber, *Notre environnement synthétique*, vasta pesquisa notavelmente documentada sobre as doenças específicas ao ambiente. Sua abordagem ecológica da saúde é então única e, por esse fato, ataca simultaneamente um modo de vida ditado pelo consumo de produtos finalmente nocivos para a boa saúde e as alterações ambientais provocadas pelas atividades humanas produtivistas. Dessa forma, a agricultura intensiva que abusa de pesticidas e insecticidas, altera profundamente a qualidade do solo e os diversos ecossistemas, a tal ponto que os saqueia. Os bens alimentares assim cultivados são posteriormente manipulados quimicamente para logo serem comercializados; ele notifica que mais de 3.000 produtos químicos entram na preparação dos alimentos condicionados de forma industrial, cujos efeitos bioquímicos sobre os organismos humanos não são sempre conhecidos. Dedicar um capítulo à “Vida urbana e saúde” e mobiliza numerosos relatórios oficiais para descrever as principais patologias geradas pela concentração de habitantes em um mesmo lugar: estresse, cânceres, coronariopatias, doenças respiratórias, incluindo o enfisema, o mal-estar etc. Conclui que:

“Poucos medicamentos são tão eficientes quanto uma resistência biológica às doenças. Nenhum sistema técnico é suscetível de liberar o homem da sua dependência à terra, às plantas, aos animais. As duas esferas, a natural e a sintética, devem estabelecer relações complementares, baseadas em uma clara compreensão das necessidades do homem enquanto organismo humano e dos efeitos do seu



comportamento sobre o mundo natural. Um estudo da interação entre o homem e a natureza pode ser chamado de ‘ecologia humana’”.

“Assim, a agricultura intensiva com uso abusivo de pesticidas e inseticidas altera profundamente a qualidade do solo e dos diversos ecossistemas, a ponto de saqueá-los”



[Artista: Moé Muramatsu]

Eis aqui, apressadamente esboçado, o quadro das conexões entre “cidade e saúde”, individual e coletiva. A conclusão se impõe: as cidades se constituíram sem jamais procurar a boa saúde dos seus habitantes. Esta foi sempre considerada como um assunto pessoal ou familiar. A “sociedade” não tem que intervir, a não ser para, como hoje em dia, tentar frear uma pandemia. Doravante, a saúde torna-se uma preocupação dos arquitetos, urbanistas, paisagistas, designers, representantes eleito(a)s, cidadãos e cidadãs. O que podem fazer? Ecologizar o seu espírito e experimentar, em todas as escalas, e em todas as áreas ao mesmo tempo (os materiais, as plantações, a volumetria, os arquitetos, a organização dos lugares, o lugar das crianças, a cronotopia, as mobilidades, a agricultura orgânica e razoável, as florestas urbanas etc.), porque tudo está interligado, o que estaria atrelado a uma *ecologia existencial*, essa articulação das temporalidades e das territorialidades, do vivo, incluindo os humanos.

O que nos dizem a “filosofia da saúde” e a “filosofia do urbano” que doravante poderiam ser associadas em uma ecosofia? A saúde é muitas vezes limitada à medicina, além disso, os médicos que publicam, muitas vezes na direção do público em geral, raramente a definem, como se fosse evidente e que sua prática a envolvesse.



A Organização Mundial da Saúde tem o dever de propor uma definição: *“a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste apenas em uma ausência de doença ou de infirmitade”*. Vemos então que a saúde não pode limitar-se à doença, ao seu diagnóstico e ao seu tratamento, ela é política e precisa de uma decisão local, nacional ou internacional. Acho que a compreensão da saúde inclui o estudo dos sistemas nosológicos e etiológicos das sociedades humanas, das suas representações e dos seus símbolos. A filosofia da saúde, depois de Georges Canguilhem, que distingue o “normal” do “patológico”, interroga-se sobre o que a sociedade aprecia como um “para-além” da doença que garantiria para cada pessoa uma boa saúde. A filosofia do urbano, por sua vez, privilegia o “ménagement”, do verbo “ménager⁸” que significa cuidar, ou poupar. “Cuidar” de que? Das pessoas, dos lugares, das coisas e do vivo. Nesse quesito, a filosofia do urbano não se limita ao “urbanismo”, essa maneira ocidental e masculina de fabricar a cidade produtivista, mas à constituição de territórios os mais habitáveis possível, sabendo que habitar implica de “ser-presente-no-mundo-e-para-outrem”...

⁸ Em francês, “ménagement” opõe-se a “aménagement”, este último sendo sinônimo, em português, de “planejamento”, que é uma política decidida pela tecnoestrutura estatal, porque privilegia o caso por caso, o sob-medida e o fazer com os habitantes e o vivido. O “ménagement” é um termo de Heidegger em *Construir Habitar Pensar* e significa, em inglês, “take care”, ou então “cuidar”, “estar atento”, ou ainda “poupar” em português.



REFERÊNCIAS

- Bookchin Murray (1962), Notre environnement synthétique. La naissance de l'écologie politique, traduction et préface de Denis Bayon, Lyon, Atelier de création libertaire, 2017.
- Bourdelaï Patrice (1987), Une Peur bleue. Histoire du choléra en France, 1832-1854 (Médecine et sociétés), Paris, Payot.
- Carré Adrien-Louis-Joseph (1932), L'Hygiène et la Santé dans la Rome Antique, Bordeaux, Imprimerie-Librairie de l'Université
- Corbin Alain (1982), Le miasme et la jonquille. L'odorat et l'imaginaire social, XVIII-XIXe siècles, Paris, Aubier-Montaigne.
- Darmon Pierre (2020), Défense de cracher ! Pollution, environnement et santé à la Belle Époque, Paris, Le Pommier.
- Delumeau Jean, Lequin Yves (dir) (1987), Les Malheurs des temps. Histoire des fléaux et des calamités en France, Paris, Larousse.
- Frioux Stéphane (2013), Les Batailles de l'hygiène. Villes et environnement de Pasteur aux Trente Glorieuses, Paris, PUF.
- Grellet Isabelle, Kruse Caroline (1983), Histoires de la tuberculose. Les fièvres de l'âme, Paris, Ramsay.
- Guerrand Roger-Henri (2001), Hygiène, Paris, Éditions de la Villette.
- Homo Léon (1951), Rome impériale et l'urbanisme dans l'Antiquité, Paris, Albin Michel.
- Illich Ivan (1985), H2O, les eaux de l'oubli, traduit de l'anglais par Maud Sissung, Paris, Lieu Commun, nouvelle édition, préface de Thierry Paquot, Saint-Mandé, éditions Terre Urbaine, 2020.
- Jorland Gérard (2010), Une Société à soigner. Hygiène et salubrité publiques en France au XIXe siècle, Paris, Gallimard.
- Laborit Henri, L'Homme et la ville, Paris, Flammarion, 1971.
- Martin Roland (1956), L'Urbanisme dans la Grèce antique, Paris, Picard.
- Mitscherlich Alexander (1965), Psychanalyse et urbanisme. Réponses aux planificateurs, traduit de l'allemand par Maurice Jacob, Paris, Gallimard, 1970.
- Murard Lion, Zylberman Patrick (1996), L'Hygiène dans la république. La santé publique en France ou l'utopie contrariée 1870-1918, Paris, Fayard.
- Paquot Thierry (2019), Désastres urbains. Les villes meurent aussi, Paris, La Découverte.
- Paquot Thierry (2020), Mesure et démesure des villes, Paris, CNRS-éditions.
- Paquot Thierry (dir) (2021), Écologie des territoires, Saint-Mandé, éditions Terre Urbaine.
- Quétel Claude (1981), Le Mal de Naples. Histoire de la syphilis, Paris, Seghers.
- Ragon Michel (1986), Histoire de l'architecture et de l'urbanisme modernes, tome 3, Paris, Casterman, réédition et actualisation, collection « Points », Paris, Seuil, 1991.
- Richardson Benjamin Ward (1875), Hygeia. Une Cité de la santé, Préface de Michelle Perrot, présentation et traduction de Frédérique Lab, Paris, Éditions de la Villette, 2006.